

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## O CASTRO DE SAMPAIO, VILARIÇA.

SANTOS JÚNIOR, J. R. dos

Ano: 1952 | Número: 62

---

### Como citar este documento:

SANTOS JÚNIOR, J. R. dos, O Castro de Sampaio, Vilariça. *Revista de Guimarães*, 62 (3-4) Jul.-Dez. 1952, p. 299-306.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmiento.uminho.pt](mailto:geral@csarmiento.uminho.pt)

URL: [www.csarmiento.uminho.pt](http://www.csarmiento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# O Castro de Sampaio (Vilarica)

PELO DR. J. R. DOS SANTOS JÚNIOR  
Prof. da Universidade do Porto

## Situação

Entre Lodões e Sampaio, aldeias situadas em plena Vilarica, está o cabeço de Santa Cruz, ou alto de S. Pedro, onde, no dizer da gente daqueles sítios, houve um castelo dos mouros.

Por isso, ao cabeço em questão chamam também *Cabeço dos Mouros*. Ali existiu outrora uma povoação fortificada, ou castro.

A poente fica a povoação de Roios, que, como as duas já citadas, assenta em termo do concelho de Vila Flor.

Não há muitos anos que a gente de Sampaio, Lodões e Roios vinha em romagem ao alto de Santa Cruz, no dia 6 de Maio (1).

O cabeço tem uma crista alongada no sentido noroeste-sudeste. Do lado sul e sudoeste a encosta é abrupta e cheia de *arriboses*, ou sejam fragedos ásperos de quartzite, talhados em arriba, que oferecem excelentes condições naturais de defesa.

Para norte e nordeste estende-se a ladeira. Era ao longo da crista e na parte alta da ladeira que assentava o castro.

Ao fundo das encostas correm dois ribeiros. Para o lado de Sampaio, o ribeiro de *Val da Cá*, que vem de Roios: é, por isso, também conhecido pelo nome

---

(1) Outros castros eram motivo de peregrinações, assim, por ex., conta o P.<sup>e</sup> Francisco Manuel Alves, no vol. IX das «Memórias Histórico-Arqueológicas do Distrito de Bragança», pág. 293: «em Aveleda, concelho de Bragança, fazia-se no dia 6 de Maio uma procissão a um sítio do termo chamado Cabeço, distante do povo coisa de dois quilómetros, onde levavam, em andor belamente ornado, a imagem de S. João». Podiam multiplicar-se os exemplos.

de ribeiro de Roios; para o lado de Lodões, o ribeiro da Lassa. O primeiro é o mais importante. Mesmo no verão nunca chega a secar: corre sempre mais ou menos, o que já não acontece com o ribeiro da Lassa, que seca completamente numa parte do ano.

O abastecimento de água dos habitantes do castro far-se-ia sobretudo no ribeiro de *Val da Cã*. Na encosta do lado do nascente, fora da cinta das muralhas, há também uma boa fonte, mas, sem dúvida, insuficiente para satisfazer as necessidades do agregado populacional que outrora ali existiu.

Para leste o cabeço vem morrer nos lombos dos baixos da Vilariça, perto da nova estrada que segue para Santa Comba. A poente o cabeço vai descendo algum tanto e entronca nos montes de Roios que, por sua vez, fazem corpo com o Cabeço das Sete Capelas, sobranceiro a Vila Flor.

O horizonte que se disfruta do alto, se não é duma vastidão dilatada, é pelo menos formoso, pois dali se avista em toda a sua extensão o feracíssimo Vale da Vilariça, desde o fundo, lá em baixo, na curva do rio Douro, onde desagua o Sabor, até lá em cima, aos Vilares de Vilariça. Dêste lado a mole gigantesca da serra de Bornes, o « monte mel » dos romanos, eleva-se em degraus sucessivos, cada vez mais altos e todos sobrepojados pelo *mouque* (1).

#### Defesas

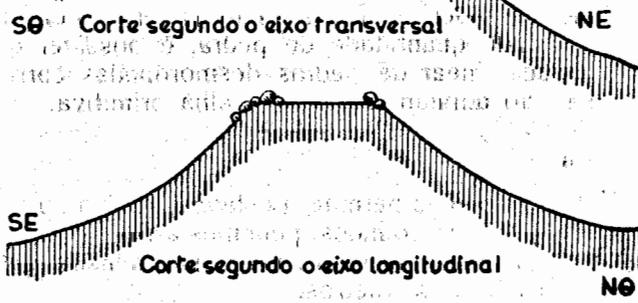
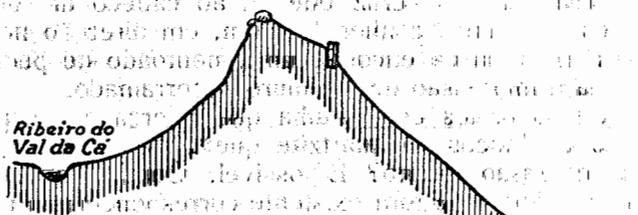
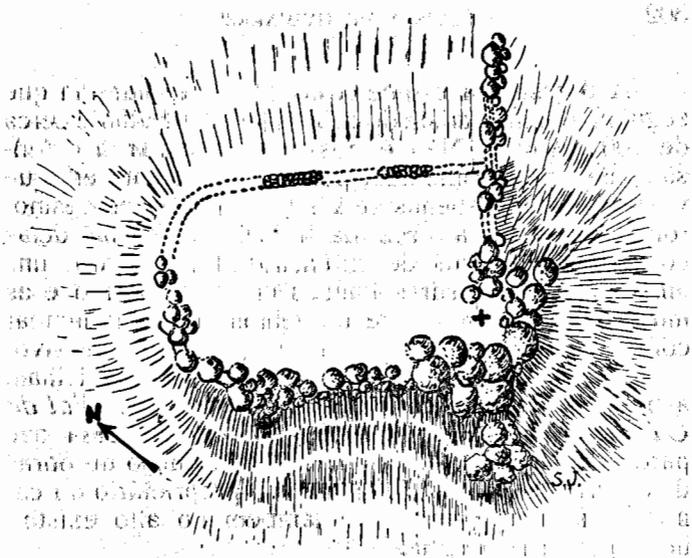
Como já dissemos, o castro assenta na encosta do nordeste e ao longo da crista.

Não há no alto vestígios de qualquer terraplano, ao que, de resto, se não prestava o espinhaço quartzítico do cabeço.

Também não se notam quaisquer vestígios de fosso defensivo.

(1) O povo chama *mouque* ou *mouco* a uma construção cônica que se vê no ponto mais alto da serra de Bornes, e que deve ser um marco geodésico.

Nunca consegui apurar a razão deste nome, tanto mais que o povo de Trás-os-Montes, por via de regra, dá aos marcos geodésicos o nome de *talefes* ou *talegres*.



**Planta esquemática e cortes do Castro de Sampaio**  
 (Vilarça)

A defesa era estabelecida por uma muralha que seguia paralela à crista do cabeço, e dela distante cerca de 100 metros. Não é possível averiguar a extensão que tinha a muralha, pois em 1935, data em que visitei o castro, apenas se viam duas porções desmoronadas, quase ao rez da terra, cada uma delas com poucos metros de extensão. No entanto, uns amontoados de pedras miúdas em alinhamento e as indicações colhidas entre os velhos permitem marcar com segurança o traçado primitivo do muro defensivo.

Os fraguedos abruptos que no alto quase talham a prumo a encosta sobranceira ao ribeiro do *Val da Cá* oferecem tais condições de natural defesa que parecem excluir a necessidade da execução de obras defensivas nesse ponto. Porém, o proprietário do cabeço informou-nos de que também no alto existira uma pequena muralha.

Do amontoado maior de fragas de quartzite, onde está cravada uma cruz que dá ao cabeço um dos nomes por que é conhecido, vem, em direcção normal à muralha da encosta, um amontoado de pedra que dá a impressão de um muro esboralhado.

Serão restos de muralha que reforçava o espinhaço de blocos de quartzite que se estendem até certa extensão do alto? É possível. Contudo a quantidade de pedra agora existente corresponderia a um muro pouco espesso. Mas, como em tempos dali foi levada grande quantidade de pedra, é possível que aquela fiada linear de pedras desmoronadas correspondesse ao alinhamento da muralha primitiva.

### Medidas

Tanto quanto o permite o estado de ruína do castro e os informes colhidos, podemos atribuir-lhe uma forma um tanto rectangular, com as dimensões prováveis de 100×120 metros.

### Espólio

Na minha estada ali, em Agosto de 1935, não pude fazer sequer uma sumária escavação. Limitei-me por isso a colher os fragmentos de cerâmica que via à superfície.

Numerosos fragmentos eram de cerâmica escura, quase negra e micácea. Outros de pastas mais claras. Colhi alguns bordos de pequenos vasos e um cossoiro grosseiro.

Aqui e ali viam-se alguns fragmentos de *tegulae*.

Topei ainda com um fragmento duma mó manual.

O proprietário do terreno achou ali, em tempos, quatro pesos de tear, dois dos quais eu ainda vi, e disse-me que também lá apareceram umas cunhas de pedra negra. Deve tratar-se, seguramente, de machados de pedra polida.

Prosseguindo na informação, afirmava que, junto ao alto, havia restos de casas e acrescentava ter trazido de lá pedra para fazer uma casa.

Chegou a ver *in situ* duas pedras de ombreiras de uma porta. Encontrou várias mós de granito, quase todas mais ou menos quebradas. Recorda-se de ter visto uma inteira.

Também refere o aparecimento de moedas, uma delas grande como um pataco. Pela descrição feita, depreendo que devia tratar-se de moedas romanas.

### Lendas e tradições

Neste castro, como de resto, em quase todos os daquela região, há uma série de tradições que são, por assim dizer, a repetição das que o povo conta um pouco por toda a parte.

Assim, afirmam que na madrugada de S. Pedro apareciam a corar meadas de ouro, estendidas nas fragas do alto, mas ao nascer do sol desapareciam, para só voltarem a ver-se daí a um ano.

É voz corrente haver lá enterrados grandes tesouros, panelas e talhas de ouro, e quem os descobrir ficará bem rico.

Em tempos aparecia ali um encanto. Era uma sombra, à maneira de uma pessoa, sempre a gemer. O meu informador dizia convencido:—«Esse encanto apareceu uma noite à minha mãe, que deitou a fugir para o povo, cheia de medo».

Também é corrente dizerem que lá se ouve, em certos dias, o ruído de teares a tecerem ouro.

### Necrópole

Na base da encosta, para o lado do nascente, e junto do ribeiro da Lassa existe uma necrópole, possivelmente a necrópole do castro. Foi descoberta há anos pelas águas de enxurrada dum violenta trovoada, que pôs a nú algumas sepulturas. Além das sepulturas, a água da chuva descobriu também, no mesmo local, umas paredes de alvenaria, de factura cuidada e com cerca de meio metro de espessura.

As sepulturas, a ajuizar pela descrição que delas me fizeram, eram trapezoidais e feitas de xisto. A cobertura era formada por uma lage inteiriça, e muitas delas tinham sinais gravados.

Apareceu uma campa feita de quatro pedras de granito, dos lados, e tampa também de granito. Era pequena; teria, quando muito, 1 metro de comprimento.

### Conclusões

O Castro de Sampaio é digno de registo, não só pela forma, que é provável, fosse rectangular, mas também por outras circunstâncias.

A sua situação no cabeço, sem terraplano, permite chamar-lhe um *castro de cima de encosta*, de que na região vi um outro, o castelo velho de Felgar, embora um pouco diferente deste. É o terceiro tipo de Maciñeira, que denomina *castros simples*.

Esta circunstância do aproveitamento de um cabeço sem o clássico perfil cónico e a terraplanagem do cume, pode explicar-se pelo facto de ser grande a quantidade de castros à roda da Vilarica e, conseqüentemente, depois de terem sido aproveitados os cabeços que melhores condições ofereciam, havia que aproveitar um cimo de encosta ou ladeira com algumas condições de defesa natural; ou então pela vizinhança do ribeiro de *Val da Cá*, abundante em água até no verão.

O que é facto é que, embora o cabeço tenha uma situação dominante, a posição que nele tinha o castro não era, seguramente, daquelas que melhores condi-

ções defensivas podia oferecer, havendo mesmo montes ou cabeços, não muito longe, que se nos afigura apresentam melhores condições naturais de defesa. Parece pois que, em certa altura da evolução castreja, a escolha do assentamento de um castro presidiriam sobretudo causas de ordem económica, tendo as acrópoles sido levantadas nos locais onde melhor convinha. Como é natural sempre foi um factor de especial importância a proximidade e a abundância da água.

Produto de uma cultura em que o grangeio da terra era relativamente reduzido, ou pelo menos pouco importante, e em que a base da subsistência seria a vida pastoril, os habitantes dos castros procurariam estabelecer-se junto dos campos onde apascentavam os gados. E como a porção de terreno que cada castro podia vigiar era reduzida, daí a necessidade de os assentar onde melhor se prestassem à guarda e vigilância dos rebanhos, bem como ao imediato refúgio dos mesmos quando as circunstâncias o aconselhassem. O castro teria assim uma função semelhante à dos castelos medievais.

O aparecimento da necrópole na base do cabeço, torna o castro mais digno de estudo. É este o único dos muitos castros que visitei no leste trasmontano, no entre Sabor e Douro, que tem tão próxima uma necrópole.

Acresce ainda a circunstância de terem aparecido na cobertura das sepulturas lages insculturadas, das quais infelizmente só consegui trazer alguns pequenos bocados pouco característicos, e pelos quais se não pode fazer uma ideia segura da natureza e significado das referidas gravuras.

Se esta necrópole foi, como pode supor-se, o cemitério do castro, e se as suas sepulturas eram trapezoidais, deve corresponder a um período já muito evoluído, provavelmente da época protocristã.

Pelo exposto, parece-me suficientemente justificado o interesse que teria uma escavação, se não sistemática, ao menos largamente exploradora, quer no alto, em pleno castro, quer na necrópole situada na base do cabeço.

Suponho interessantes as designações dos ribeiros de *Val da Cá* e da *Lassa*. Aos filólogos compete apreciá-las.

O castro de Sampaio, encaixado entre os dois mencionados ribeiros, *castro de cimo de ladeira* ou *de encosta*, tendo na base da mesma um cemitério de sepulturas trapezoidais com tampas insculturadas, merece, parece-nos, ser dado a conhecer, chamando para ele a atenção dos arqueólogos.

Nada mais temos em vista com esta singela notícia.

Instituto de Antropologia da Universidade do Porto